

Sermões

Uma dramaturgia da oratória do Padre António Vieira



Do alto do púlpito uma voz brada, protesta, e clama.
Uma voz de homem e engenho de escritor.
Actor do seu ser mítico, paladino dos direitos humanos,
clamando com a pena e voz, o *imperador* afia as palavras
com que o pregador jesuíta denuncia os males do mundo.
Escrita dramática, a uma só voz, onde Vieira, do púlpito, se
encena a si mesmo.
Autor e actor, e porque não encenador coexistem neste
performer completo.
Deixemos Vieira afigurar-nos um autor e actor em pleno à
procura da eficácia teatral, gozando gulosamente com o
silêncio sustentado dos seus ouvintes / espectadores, com
apenas a espectacularidade da sua palavra.

Silvína Pereira



A grande oratória sagrada do nosso património cultural, em
que avultam as páginas ímpares em que o Padre António
Vieira consignou a sua intervenção nos púlpitos de Portugal
e do Brasil.

Palavra barroca, a organizar-se num discurso de eloquência
engenhosa e teatral ao mesmo tempo, a desdobrar-se nas
mais inesperadas analogias, a ritmar-se em cadências
empolgantes a culminar em imagens e metáforas de grande
efeito espectacular e, sempre, a surpreender pela justeza
e flagrância com que capta e trata aspectos da vida religiosa
e moral, e ainda da realidade política, económica e social
do seu tempo – a palavra de Vieira vibra de novo nas naves
de alguns espaços sagrados do nosso país.

Vasco Graça Moura



Sermões

Estreado a 11 Janeiro de 1997, na Catedral de Santarém.

Digressão Nacional patrocinada pelo Serviço de Bibliotecas da Fundação Calouste Gulbenkian e pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses.

Em 1997, carreira na Igreja do Loreto e em 1998 na Igreja de S. Roque, Lisboa.

Ficha Artística:

Textos: Padre António Vieira

Dramaturgia e Encenação: Silvína Pereira

Interpretação: Júlio Martín

Desenho de Luz: Clemente Cuba

Seleção musical: António Marques

Imagem: Mário Caeiro

HOJE



O Padre António Vieira no Chiado

Deus é cruel e a Pátria madrasta

“A LAS CINCO en punto de la tarde”, na hora de maior calor, a Igreja do Loreto (Largo do Chiado), enorme, arejada e bem iluminada, pode ser um abrigo contra o sol tórrido que tardou, mas acabou por chegar. E ouvir “Sermões” do Padre António Vieira, a essa hora, pode ser refrescante.

Fechando os olhos, quem ouve tem de vez em quando a sensação de ouvir um perigoso esquerdista a apontar o dedo aos “boys” e aos “jobs” que a classe política troca entre si.

A propósito do bom ladrão a quem Cristo, do alto da cruz, prometeu um lugar no paraíso, o pregador denuncia o compromisso entre os ladrões e o poder, ataca a corrupção que gera corrupção. Noutros momentos ataca a fuga dos cérebros, a pátria madrasta e desejosa de se ver livre dos filhos incómodos, condenando-os ao exílio.

É o tempo que volta para trás, ou é o pregador seiscentista que está 300 anos adiantado em relação ao seu tempo?

O real pregador não poupa o próprio Deus e, afirmando pelo tom bíblico de Job, censura o Padre Eterno por tolerar tanta desigualdade entre os homens não só na vida como até no próprio acto de morrer.

Por iniciativa do Pelouro da Cultura da CML e pela voz do actor Júlio Martín, a palavra sonora de Vieira ecoa nas abóbadas da igreja dos italianos. Hoje, às 17h, soa a última oportunidade de o ver e ouvir e, assim, comemorar de forma útil e aprazível o terceiro centenário da morte de Vieira. ■

Manuel João Gomes

